

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 2 556

Título: "UM HOMEM DE IMAGINAÇÃO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): VON CHAMISSO, ADALBERT

Adaptador: PAUL, EMA

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 2/11/76

Data de Emissão: 8/11/76

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
RUY FURTADO	BRIADO
LEONOR POEIRA	MULHER - CARTA RECENTE
ADELAIDE JOÃO	MULHER - " ANTIGA
VARELA SILVA	SA LALDER
CANTO E CASTRO	FORREST
BRANCO ALVES	CORONEL
CATERINA AVELAR	SENHORA BLACKE
FERIVANDA BORSATTI	" ELBOURN

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Alves

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIA ARTÍSTICA - RUY DE CARVALHO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

UM HOIEM DE IMAGINAÇÃO

DE:

ADALBERT VON CHALISSO

Traduzido do inglês e adaptado de um conto por:

ELIA PAUL

PERSONAGENS:

CRIADO E ~~CORONEL~~ 60 anos - Ruy Furtado
(mulher) CARTA RECENTE E ~~SENHORA BLAKE~~ - 20 anos - Leonor Poeira
(mulher) CARTA ANTIGA E ~~SENHORA WILBOURN~~, 40 anos - Adelaide Joás
SENHOR LAIDER, 43 anos - Varela Gilva
FORREST, 35 a 40 anos - Paulo e Castro
Coronel, 60 anos - Branco Alves
Senhora Blake - 20 anos - Catarina Avelar
Senhora Wilbourn - 40 anos - Fernanda Borsari

SERVIÇO CRIATIVAS	
NÚMERO 244	
DE ENTREGA 2/11/76	
FUNDO DE GRAVAÇÃO	
REGRAS EM 8/11/76	
HORA 9.15	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

Dr. Ruy do Cavallo

Original

UM HOJEI DE IMAGINAÇÃO

De:

ADELBERT VON CHALISSO

TRADUZIDO DO INGLÊS E ADAPTADO DE UM CONTO POR: LIA PAUL

//////

CHUVA. MAR PERTO.

FORREST - Que bom estar aqui, outra vez, neste hotel pequeno e sossegado, perto do mar. Sinto-me tão feliz!...

CRIADO - Como está, senhor?... Não esteve cá o ano passado?

FORREST - Sim, cheguei em Fevereiro, depois de ter sofrido um ataque de influenza.

CRIADO - Ah! E como tem passado agora?

FORREST - Voltei, porque tive outro ataque.

CRIADO - O senhor vai sair com esta chuva?

FORREST - Não me disse, o ano passado, que não passava de um aguaceiro? Chovia, como agora, quando parti.. Não, nada mudou. O mesmo velho criado, o mesmo hotel, até o aguaceiro parece não ter parado.

CRIADO - O mar está cor de chumbo. Se quer entreter-se tem aqui o programa d'um concôrto, impresso em papel azul...

FORREST - Aquele que está prêso à parede por um alfinete?

CRIADO - Sim, senhor. Está por baixo da gravura emoldurada que representa a coroação da rainha Vitória.

FORREST - Muito interessante!...O pior é que o concerto já se realizou há algumas semanas na Câmara Municipal, parece-me que foi em benefício de qualquer coisa...É pena!...É pena!...O barómetro está outra vez encravado!
(RUIDO DE PANCADINHAS)

CRIADO - Tem ali um jornal...

FORREST - É a isto que dá o pomposo nome de jornal?...Melhor seria chamar-lhe um panfleto sobre as nossas moribundas indústrias. Prefiro dar uma
XX
vista d'olhos pelo quadro onde fixa a correspondência. Fascina-me. Em

Geralmente as cartas aqui afixadas mostram um certo ar de novidade e frescura. Tem quase a certeza de que irão ser reclamadas. E por isso esses sobrescritos recentes me comovem tanto. O mesmo já não acontece com os que são velhos e estão empoeirados. A sua resignação triste é menos comunicativa, chega a aborrecer-nos. Não têm nenhuma probabilidade de que os vão buscar, e jazem para ali desanimados e murchos. Você nunca as ouviu conversar umas com as outras?

CRIADO - A quem?

FORREST - Às cartas, quem havia de ser?

CRIADO - Não, senhor. Nunca nenhuma carta me falou, pelo menos com voz que eu entendesse...

FORREST - Pois eu já. Uma vez escutei até o seguinte diálogo; quer ouvir?

Dizia assim a carta recente:

CARTA RECENTE - Palpita-me que ele chega hoje.

FORREST - E a carta atrasada com um risinho de troça, irritante...

CARTA ATRAZADA - Ele? Isso também eu queria! - (RI) - Porque não veio na semana passada, quando tu chegaste? Que razões tens para supor que ele vem? Não é frequentador deste hotel. Nunca esteve cá. O seu nome é inteiramente desconhecido aqui. Julgas, acaso, que ele se pôs a caminho só para te encontrar?

CARTA RECENTE - Vai troçando, se quiseres. Mas há qualquer coisa que me diz...

CARTA ATRAZADA - Qualquer coisa em ti? Basta observar-te para se saber que dentro de ti só existe um bilhetinho garatujado e sem interesse. Olha agora para mim...tenho três folhas escritas de alto a baixo. A senhora a quem sou dirigida...

CARTA RECENTE - Bem sei, bem sei, já me contaste tudo isso, ontem.

CARTA ATRAZADA - E volto a contar-te hoje, e amanhã, e todos os dias. Esta senhora é viuva e vem cá muitas vezes. De saúde delicada, dá-se bem à beira-mar. É pobre e a diária está dentro dos seus recursos. Vive só e necessita de amor. Em mim contenho uma proposta séria, apaixonada, a

cer como seu antigo dono!

CRIADO - (IRÓNICO) - A julgar pela conversa de há pouco e uma vez que não o vê há um ano, deve sentir-se indignada consigo por a ter enviado a alguém que nunca a viria buscar. Foi como se a tivesse abandonado.

FORREST - É isso. Tem um aspecto lamentável. Já uma vez um cão olhou para mim daquela maneira, um cão que eu perdi e encontrei dias depois na rua. "Não sei quem tu és, mas sejas quem fores, leva-me contigo." Era o que os olhos desse cão me diziam. Vou levá-la.

CRIADO - Não, é melhor o senhor ir almoçar primeiro. O almoço está pronto

FORREST - Bem, mas voltarei depois para a libertar. O ar do mar abre-me o apetite. Que pena o sr. Laider não a ter recebido. Talvez se sentisse mais confortado. Sim, esse homem precisava muito de ser consolado.

(ECO. EM TOM SONHADOR() - Foi na sala de fumo, o ano passado, que tivemos uma longa conversa...Ele sofreu uma estranha e curiosa aventura, o que me despertou a simpatia. A.V.Laider...Foi o nome que li no livro de registos do hotel, na noite da sua chegada. Eu tinha vindo na véspera e andava um pouco aborrecido por não encontrar mais ninguém ali. Um convalescente à beira-mar precisa de gente que o observe. De modo que me senti contente quando, na segunda noite, vi outro hóspede defronte da minha mesa, ao jantar. Aliás a única pessoa satisfeita era eu, porque o outro homem estava no seu verdadeiro papel de hóspede: era enigmático. De vez em quando os nossos olhares encontravam-se para se separarem imediatamente. Arranjámos, então, maneira de nos observarmos de soslaio. Começava a convencer-me que o achava digno de interesse, não apenas pelo facto de ~~de~~ ter estado doente, mas porque me dava a sensação de ser um homem inteligente, de forte imaginação. A principio o homem podia inspirar desconfiança; a sua cabeleira branca, combinada com o rosto juvenil, dava-lhe um vago ar de charlatão. Depressa repudiei esse julgamento leviano e acabei por simpatizar com ele. Em parte nenhuma do mundo, excepto na Inglaterra, seria possível que dois homens solitários (por mais abatidos que os tivesse deixado a influenza) se conservassem no mesmo hotel durante cinco ou seis dias, sem trocarem uma única palavra. Eis um dos encantos da vida inglesa!...Cada um de nós reconhecia o favor que prestava e o que

recebia. E, quando na ultima noite da minha estada ali, o gôlo finalmente se quebrou, nenhuma má-vontade existia entre nós, nenhum de nós dera origem à mais pequena censura. Foi num domingo. Quando entrei nasala de fumo encontrei-o a ler uma revista que eu tinha comprado na véspera. O momento era critico. Encaramo-nos sem receio.

LAIDER - Oh! Desculpe-me ter pegado nesta revista...

FORREST - Não tem a menor importância. Por favor, continue a lê-la. -(EC ISTO contudo não passava de um intróito. O código das boas maneiras obrigava-nos a trocar mais algumas palavras, e nós obedecemos como pessoas civilizadas. - (ALTO) - Vou-me embora, amanhã, sabe?

LAIDER - (PESAROSO) - Ah! Sim?

FORREST - Melhorei da minha doença.

LAIDER - Eu também.

FORREST - Posso deixar-lhe a revista para a ler à vontade, uma vez que parece interessar-lhe.

LAIDER - Oh! Não! Muito obrigado. Quando lhe peguei saltou-me à vista um artigo terrivel sobre a fé e a razão.

FORREST - Ah!...A Fé e a Razão?

~~XXXXXXXX~~

LAIDER - Isso mesmo. Desta vez o problema é tratado por um correspondente da Austrália.

FORREST - É curioso notar como os jornalistas ingleses se multiplicam para fazerem publicar os seus artigos pelos quatro cantos do mundo. O caso começa por não haver mais nada a dizer sobre as corridas de cavalos e, à falta de melhor, voltam-se para divagações sobre a fé e a razão. O que é curioso, repito, é como a tempestade irrompe depressa. Começam a chover cartas daqui e dali, de todos os lados onde existe um inglês, seja no Canada, na Austrália ou na India, até que o director do Jornal dê ordem para parar. E nós perguntamos, porque diabo, consentiu ele que tivesse principiado uma coisa tão ~~stúpida~~ idiota e enfadonha.

LAIDER - É possível!

FORREST - Por exemplo: essa carta do australiano, é desses correspondentes que depois de declararem que todos os seus predecessores andaram às aranhas, se propõe esclarecer o ~~misterio~~ problema de uma forma definitiva. A

solução é esta: razão é fé, fé é razão. Eis o que todos nós precisamos ter bem presentes. Enfim, é repousante, depois da doença, ler artigos perfeitamente insonssos e inúteis.

LAIDER - Acha?

FORREST - Para mim a fé e a razão são duas coisas distintas. Por exemplo: a quiromância é uma coisa em que eu creio, ainda que a razão se oponha...

LAIDER - (AGITADO) - Acredita na quiromância?

FORREST - Bem...de certo modo. Porquê? Não faço a menor idéia. O que era natural era que eu risse de semelhante tolice. O meu bom senso chega a revoltar-se. Claro que a palma da mão diz qualquer coisa quanto ao caracter da pessoa, mas que o passado e o futuro estejam lá escritos...Ora!

LAIDER - (CALMO) - Repugna-lhe aceitar essa idéia?

FORREST - Parece-me ridícula, mais nada.

LAIDER - E no entanto acredita?

FORREST - É uma crença grotesca, repito.

LAIDER - Parece-lhe que o facto da razão classificar assim a sua fé seja o bastante para que o senhor se aborroça desta ultima?

FORREST - Decerto. Não acha também absurdo?

LAIDER - Acho estranho.

FORREST - Acredita, então, na quiromância?

LAIDER - Inteiramente.

FORREST - Bravo!...Mas, mesmo correndo o risco de enveredar pela metafísica, observo-lhe que está em desacordo com o articulista australiano.

LAIDER - Vai considerar-me muito prosaico e com uma desvantagem, é que não posso apresentar provas.

FORREST - Muito bem, eu também sou prosaico mas não sou pessoa que acredite sem provas.

LAIDER - Estudou, alguma vez, quiromância?

FORREST - Li, há anos atrás, um dos livros de Desburelles e outro de Heron -Allen.

LAIDER - Mas nunca experimentou pôr em prática o conhecimento adquirido, consultando as suas próprias mãos ou as dos seus amigos?

FORREST - Não. Confesso-lhe que me limitei a estender a palma da mão a duas ou três pessoas condescendentes a quem "li" mena duzia de coisas e

assim satisfiz o meu egoísmo. Espero que o senhor Laider seja um quiromante do meu género. - (RI)

LAIDER - (MELANCÓLICO) - Nesse caso chego a admirar-me que não tenha perdido a crença depois das futilidades que deve ter dito e ouvido. Não, infelizmente, senhor Forrest, eu não sou um quiromante do seu género. Há muitas pessoas que se dedicam à arte da quiromância. Estou certo que a maioria delas é capaz de lhe dizer: " O senhor terá uma doença séria entre os quarenta e os quarenta e cinco anos, e outras bagatelas semelhantes. Os profissionais muitas vezes, também não são melhores".

FORREST - Conheço, pelo menos, tres profissionais que sabem de facto ler o caracter das pessoas.

LAIDER - E algum deles acertou referindo-se a algum acontecimento...irremediável?

FORREST - Sim...foram todos exactos.

LAIDER - (RI. DEPOIS, IRÓNICO.) - Acertaram, então, nas suas predições?

FORREST - Sim. Disseram-me que havia de me acontecer isto e aquilo e aconteceu. Aconteceram mesmo coisas inesperadas.

LAIDER - E apesar disso acha grotesca a sua crença na quiromância? Não aceita isso como provas?

FORREST - Apenas como coincidências...coincidências interessantes e nada mais. - (BAIXO) - A superioridade do seu sorriso triste começa a implicar-me com os nervos. - (ALTO) - Suponha, em favor do seu argumento, que nós somos simples autómatos, criados só para fazer isto e aquilo; que, na verdade não existe em nós o livre arbítrio. É compreensível, ou sequer concebível, que o poder que nos fez assim tivesse a preocupação de assentar em criptografia, nas nossas mãos, tudo o que nos estava destinado?

LAIDER - Acredita no livre arbítrio, sr. Forrest?

FORREST - Com certeza. Autómato é que eu não sou.

LAIDER - E acredita nisso como na quiromância...sem raciocínio?

FORREST - Não. Tudo nos indica que temos uma vontade livre.

LAIDER - Tudo. Dê-me um exemplo.

FORREST - Um exemplo?...Bem...(RI) - Calculo que é capaz de insinuar que está escrito na minha mão que eu sou um crente...de livre arbítrio...

LAIDER - Ah, disso não tenho dúvidas.

FORREST - Palavra?...Então, aqui tem a minha mão...

LAIDER - (ALTERADO) - Desculpe-me, deixei de ler as linhas das mãos seja de quem for. Nunca mais, nunca mais.

FORREST - Bem, se eu fosse quiromante, não me importaria com as previsões que existissem nas mãos de qualquer pessoa, por mais horríveis que fossem.

LAIDER - Horríveis, sim.

FORREST - Sr.Laider, nas minhas não existe nada que assuste ninguém.

LAIDER - O senhor não é, por exemplo...um assassino?

FORREST - (RINDO) - Claro que não!

LAIDER - Pois eu sou!

FORREST - O quê?...O senhor?...É...é inacreditável!

LAIDER - Desculpe-me. Não sei porque lhe falei desta forma. Habitualmente sou muito reservado. Mas às vezes...calculo o que o senhor deve pensar de mim...

FORREST - Absolutamente nada.

LAIDER - Isso é bondade da sua parte. O certo é que nos colocámos ambos numa posição falsa. O que lhe peço é que não me julgue um desses indivíduos procurados pela policia. Não sou um assassino segundo o código criminal.

FORREST - (ALIVIADO) - Ah! Ainda bem!

LAIDER - Mas nem por isso deixo de ser menos criminoso. Tem pressa?

FORREST - Nenhuma. Neste pequeno hotel isolado do mundo, servido por um unico e velho criado, o tempo não conta.

LAIDER - Aliás a minha história não é muito comprida. Tudo o que lhe vou contar talvez vá reforçar a sua inesplicável crença na quiromância, e abale ainda mais a sua fé, menos explicável ainda, no livre arbítrio.

FORREST - Não importa. - (COMEÇA A OUVIR-SE O TIQUE TAQUE DE UM RELÓGIO)

LAIDER - As minhas mãos são realmente as de um homem fraco. Há-de ter reparado na insignificância dos polegares e dos dois dedos mínimos. Sim, são mãos de um homem fraco e sem confiança, ao sabor das contingencias um tanto hamléticas, em suma. E na verdade sou, em tudo semelhante ao Hamlet. Não me considere tolo, tenho nobres propósitos, mas sou infeliz. Hamlet

teve mais sorte do que eu numa coisa: foi assassinado por acaso, ao passo que as mortes que eu provoquei um dia, há 14 anos, se deveram todas à desgraçada fraqueza de que me queixo.

FORREST - Mortes?...Foi então mais do que uma?...O senhor Laider aparenta uns...40 a 45 anos...portanto nessa altura tinha cerca de 27, 29....

LAIDER - Vinte e sete e já era o tipo estrambólico que hoje sou. Devia ter feito a minha carreira na advocacia. Cheguei ao fim do curso, mas nunca exerci a profissão. O que eu queria era arranjar uma desculpa aos olhos do publico, uma forma de justificar a minha existência. Mas se nunca pratiquei, chegou agora o momento de o fazer: vou defender um assassino.

FORREST - Co'os diabos! Não estará a exagerar?

LAIDER - Meu pai deixara-me uma pequena fortuna, e eu podia fazer o que quisesse ou me desse na fantasia. Tinha minhas fraquezas: a quiromancia era uma delas, mas sentia-me envergonhado...Parecia-me tão absurdo!...Enfim, acreditava nisso como o senhor. Porém, ao contrário do sr. Forrest, li muitos livros sobre a matéria. Observei as mãos de todos os meus amigos. Verifiquei todos os pontos em que Bombarolles discorda das ciganas e, em pouco tempo, estava tão perito como qualquer quiromante, sem todavia me deixar absorver por completo por essa arte.

FORREST - Compreendo.

LAIDER - Uma das coisas que eu tinha notado na minha mão, logo que fiquei apto a interpretar-lhe as linhas, foi que, por altura dos vinte e sete anos escaparia, por pouco, de uma morte violenta. Havia uma interrupção muito nitida na linha da vida e, ao lado, um sinal protector. Ambas as mãos indicavam identico por menor e a probabilidade de salvação estava reduzida ao minimo. Não escaparia sem sofrer fosse o que fosse, isso era evidente.

FORREST - Curioso! Muito curioso!

LAIDER - Essa ameaça preocupava-me. Ligando-se com a linha da vida, no local da interrupção, aparecia a da saúde e nessa estava uma estrêla. Perto dela outro sinal protector. Portanto eu resistiria aos ferimentos, por maiores que fossem.

FORREST - Adivinhe o seu suspiro de alívio.

LAIDER - Como atingira a idade indicada, o desastre podia ocorrer dum momento para o outro. Como sabe é impossível determinar estas coisas com rigor. Mais um ano, menos um ano... Todavia procurava convencer-me de que não aconteceria nada. A minha razão revoltava-se contra as leis dos quironantes, como a sua, afinal. Tratei de não ser ridículo e de atravessar uma rua sem cuidados excessivos. Nesse tempo vivia em Londres. Um tio meu possuía certa propriedade em Hampshire. Ele e a mulher eram-me bastante simpáticos e a casa deles era a única que eu frequentava. Estávamos em Novembro, e eu fora passar uns dias a casa deles. Havia outros convidados. No fim da semana regressámos todos a Londres. Éramos seis na mesma carruagem do comboio; eu, o coronel Elbourn, a mulher, a filha, e outro casal, os Blakes. O Blake era oficial do exército e devia embarcar na semana seguinte para a Índia. A mulher devia ir juntar-se-lhe alguns meses muito tarde. Estavam casados havia cinco anos. A idade dela andava pelos vinte e quatro anos.

FORREST - Dá-me licença que fume?

LAIDER - à sua vontade. Sentiamo-nos todos em excelente companhia. A única nota desagradável derivava do facto do meu tio na véspera, me ter perguntado se eu ainda me dedicava às "habilidades das ciganas". As três senhoras, é claro, ficaram interessadas e pediram-me logo que lhes lesse as respectivas sinas.

(RUIDO DE COMBÓIO EM 2º PLANO. RELÓGIO DESAPARECEU:)

SRA BLAKE - Vamos, sr. Laider, não se faça rogado. Leia-nos a sina.

SRA ELBOURN - Eu adoro que me leiam as mãos. É tão excitante!

LAIDER - Afirmo-lhes, minhas senhoras, que o meu tio esteve a brincar convosco. Eu já nem me lembro nada dessas coisas.

SRA BLAKE - Oh! Como é cruel recusando-nos assim esse entretenimento....

SRA ELBOURN - Direi mais: o seu comportamento é o de um selvagem. Tome: aqui tem a minha mão e não quero ouvir mais desculpas.

(COMBÓIO AFASTA-SE. RELÓGIO APROXIMA-SE.)

LAIDER - Comecei, pois, a procurar primeiro informações sobre o carácter da senhora Elbourn. Estabeleceu-se o silêncio do costume, interrompido apenas pelos murmurios usuais de aprovação da parte do marido e da filha. Por fim pedi-lhe que virasse as mãos, e nas palmas completei as revelações com indignação de alguns acontecimentos biográficos.

FORREST - Até aqui ainda não vi o que tem a sua história de horrível ou criminoso...

LAIDER - Enquanto falava, perguntava a mim próprio que idade teria a sra Elbourn. Devia ter casado aos vinte e oito anos. A filha tinha dezassete, portanto ela devia andar pela casa dos quarenta e três. Coitada!

FORREST - Coitada, porquê?

LAIDER - Descobri logo outras coisas além da linha do casamento, uma quebra total na linha da vida e na do destino. Aquilo significava morte violenta. Em que idade? Nunca depois dos 43.

FORREST - É extraordinário! Tem a certeza?

LAIDER - Chegava a ~~passar~~ pasmar que ainda estivesse viva. Mas fui falando sempre e parece que me desempenhei razoavelmente da leitura. Lembro-me que ao finalizar, os Elbourn ^{me} felicitaram ~~me~~

FORREST - E passou a outro par de mãos?

LAIDER - Passei.

FORREST - E encontrou nelas...?

LAIDER - Os mesmos sinais que descobrira nas da senhora Elbourn.

FORREST - Em todas?

LAIDER - Em todas. Era como se fossem copiadas umas das outras. A única diferença estava na colocação desses indícios, e aí residia o principal motivo de horror. A idade fatal para a senhora Elbourn eram os 43, para a senhora Blake situava-se aos 21 anos, devia ter morrido nessa altura, e o que não acontecera, uma vez que estava ali à minha frente, e já com os vinte quatro feitos. Há pouco disse-lhe que eu era fraco. Terá a prova disso dentro em pouco. Contudo, naquele dia, seria capaz de ter serenidade, nesse mesmo dia que me entristeceu e humilhou para o resto da existência. Nem pela expressão nem pela voz me denunciarei quando nas mãos da filha dos Elbourn encontrei ainda os mesmos terríveis indícios. A rapariga quiz conhecer o seu futuro, coitada! Disse-lhe tudo o que meio à cabeça, porque a filha dos Elbourn não tinha futuro... Enquanto lhe falava assaltou-me de repente uma dúvida. Porque não teria acontecido isso à mais tempo?

FORREST - Creio adivinhar do que se trata...

LAIDER - Continuei a falar, enquanto pensava desesperadamente: Aquela mãe e filha andavam sempre juntas, o que acontecesse a uma aconteceria à outra. Mas igual destino aguardava a sra Blake.

FORREST - Coincidência curiosa, curiosíssima!

LAIDER - Ali íalos todos juntos no combóio, eu e elas - eu que devia escapar por milagre e elas que estavam condenadas a morrer. A nossa carruagem estava próxima da máquina. Sabio muito bem o que revelavam as mãos do coronel, era inutil verificar.

(COLEÓIO APROXIMA - SE. RELÓGIO AFASTA-SE.)

CORONEL - Mas porque não quer ver as minhas mãos, sr Laider?

LAIDER - Nao têm nada de especial, creia. Lamento desapontá-lo, coronel. Prefiro ver as do senhor capitão Blake...~~ERRRREX~~

CORONEL - Ora essa! Porquê as do Blake e não as minhas?

LAIDER - Porque o capitão Blake parte na próxima semana para a Índia. Por conseguinte...

SRA BLAKE - (RINDO) - Ótimo! Diga-me se ele me será fiel durante os meses em que estivermos separados.... (RISOS)

LAIDER - Muito...muito fiel...nunca a abandonará, senhora Blake...Nunca...

(RUIDO DE COMBÓIO AFASTA-SE. RELÓGIO APROXIMA-SE.)

LAIDER - Os sinais lá estavam nas mãos do capitão Blake, como nas dos outros.

FORREST - Devia ter-se precipitado para a janela e puxar o sinal de alarme.

LAIDER - Era tão fácil, não era, sr. Forrest?... Parar um combóio é tudo o que há de mais simples. Dá-se um puxão à corda e o combóio afrouxa lentamente...O revisor aparece e nós explicamos o que se passou...também era fácil explicar que ia haver um choque...ou que nós e os nossos amigos ^{tinhamos} ~~havia~~ absoluta necessidade de desembarcar ali...Haverá alguma coisa que exija menos coragem do que isto?...Apesar de ser fraco de vontade, sou capaz de fazer isto.

FORREST - E então?

LAIDER - Estava absolutamente resolvido a fazê-lo...mas não o fiz.

SEPARADOR

RELÓGIO, TIQUE-TAQUE. CNOVE. LAR PERTO.

LAIDER - Aproximavamo-nos dos arredores de Londres. O ar tornava-se espesso e acinzentado.

COMBÓIO. RELÓGIO AFASTA-SE.

SRA ELBOURN - Felicito-o, meu caro senhor Laider. Não há dúvida de que é um bom quiromante. Descreveu-me tal qual sou.

SRA BLAKE - Oh, como é horrível esta velha Londres! Sempre o mesmo nevoeiro. Não se distingue nem uma casa, nem uma árvore.

SRA ELBOURN - É verdade, não se vê nada a um metro de distância.

LAIDER - O nevoeiro...é isso! O nevoeiro...-(RUIDO DE CHOQUE DE COMBÓIOS.

GRITOS. RELÓGIO VEM A LO PLANO, ENQUANTO O RESTO SE AFASTA.) - Senti uma

dor de cabeça atrás. Quando acordei estava deitado numa cama e havia várias enfermeiras à minha volta, recomendando-me calma. Era um hospital. Percebi-o logo mas ignorava o motivo porque me encontrava lá. As melhoras acentuavam-se e a pouco e pouco foram-me dizendo que eu sofrera um forte abalo cerebral, que me tinham trazido para ali em estado de coma e assim me mantivera durante 48 horas. Mas Tinha havido um desastre de caminho de ferro.

Pareceu-me tudo isso muito estranho.

FORREST - Estranho, porquê?

LAIDER - Nos casos de traumatismos, como aquele, o senhor sabe que é vulgar a vítima esquecer-se de tudo o que sucedeu nos momentos que precederam o acidente. Era o meu caso. Um dia meu tio foi autorizado a visitar-me.

Então, de subito, lembrei-me de tudo. Meu tio explicou-me que o ^{maquinista} ~~condutor~~ não conseguira ver o sinal, devido ao nevoeiro e que o combóio em que nós seguíamos chocara com outro de mercadorias. Quanto aos meus companheiros de viagem, nem perguntei nada. Compreende...era desnecessário. Quando o meu tio, muito delicadamente, começou a informar-me eu excitei-me tanto que tornei a piorar. Recearam até que eu não escapasse, mas, como vê, resisti. -

(PAUSA) - O senhor Forrest deve desprezar-me. É natural. Eu próprio sinto desprezo. ~~perxxtx~~

FORREST - Não, não o desprezo, mas...

LAIDER - Censura-me?...No entanto talvez seja um pouco injusto. Não tenho culpa de ter nascido fraco.

FORREST - Um homem pode e deve dominar a sua fraqueza.

LAIDER - Sim, se for dotado com a necessária energia para o conseguir.

FORREST - Desculpe-me, mas o seu fatalismo enfada-me. Quere dizer, que não

puxou o alarme porque "nunca o poderia puxar"?

LAIDER - Isso mesmo.

FORREST - E está escrito nas suas mãos que não podia?

LAIDER - São as mãos de um ser fraco.

FORREST - Tão fraco que não possa crer na possibilidade do livre arbítrio tanto em relação a si como aos outros?

LAIDER - Estas linhas denunciam um homem inteligente, capaz de ponderar a evidência e de ver as coisas como são.

FORREST - Mas diga-me: Está aí escrito que não puxaria o sinal de alarme?

LAIDER - Bem vê, há coisas que estão determinadas, mas há outras...as inumeráveis coisas negativas, como pode haver sinais delas?

FORREST - (SEVERO) - Todavia as consequências do que se queixa de fazer... dessas, há sinais positivos?

LAIDER - Espantosamente positivos. As minhas mãos são as de alguém que sofreu muito nestes últimos tempos.

FORREST - Ora! Julgo que todos os homens sofreram e estão destinados a sofrer

LAIDER - Não tanto como eu.

FORREST - Nas linhas da sua mão está escrito que não podia dar o sinal de alarme? - (PAUSA) - Responda.

LAIDER - Estava escrito nas mãos...dos outros.

SEPARADOR

FORREST - Como é que o Laider tinha a certeza de que o seu cérebro, convalescente do abalo cerebral, se lembrava do que acontecera no percurso da viagem de comboio?...Como sabia ele que tudo isso não fora inventado pela sua imaginação, como resultado da suspensão temporária das suas faculdades mentais?... Podia ser que ele nunca tivesse visto os tais sinais nas mãos dessas senhoras? É uma esperança e o meu dever é escrever-lhe, imediatamente, sugerindo-lhe esta hipótese afim de o reconfortar.

SEPARADOR

LIAR PERTO

FORREST - E aqui venho eu encontrar essa carta, endereçada ao sr. Laider, no quadro da correspondência e já coberta de pó.

CRIADO - Mais café, sr. Forrest?

FORREST - Não, não, obrigado. Vou cumprir um acto de misericórdia.

CRIADO - Sim, senhor. Deixou de chover. Abri a porta do hotel para deixar entrar o sol.

FORREST - Vou buscar a tal carta esquecida...

CRIADO - A que o senhor escreveu há um ano?...Desapareceu.

FORREST - O quê? Desapareceu, como?

CRIADO - Como o senhor diria, numa conversa entre cartas, a sua era fértil em recursos, destemida.

FORREST - Diz que a minha carta se escapou?

CRIADO - Talvez seja reencontrada daqui a pouco. Talvez o alarme já tenha sido dado pelo sino grande, prevenindo os habitantes do lugar de que a sua carta fugiu do seu poiso.

FORREST - É escusado persegui-la. Com o desespero pode atirar-se ao mar.

CRIADO - Quem, sr. Forrest?

FORREST - A carta.

CRIADO - Ah! Pois, a carta. - (SAÍNDO) - Coitado! Pobre homem! Este já não tem cura.

FORREST - Pobre velho! A idade transformou-lhe a razão! - (ALTO) - É verdade quem sabe se o sr. Laider não terá voltado?

CRIADO - Voltou, sim, sr. Forrest. Está além na praia.

FORREST - Traga-me o meu chapéu. Vou ao encontro dele.

SEPARADOR

ACTO EM 19 PLANO

LAIDER - Foi muita bondade da sua parte escrever-me aquela carta...Comoveu-me profundamente.

FORREST - Ah!...Não a achou inteligente?...Detesto que me achem comovedor.

Não acreditou que o seu cérebro tivesse inventado aquelas coincidências...anteriores ao acidente?

LAIDER - (SUSPIRANDO) - A sua carta mostrou-me quanto eu era culpado.

FORREST - Curioso! Pois a minha intenção era demonstrar-lhe o contrário.

LAIDER - Bem sei. E é por isso que eu me sinto culpado. De certo modo a sua teoria é verdadeira. Mas...eu não quize ir tão longe. Não só é possível que eu não visse aqueles sinais nas mãos, como de facto os não vi. Nunca as exa-

linei. Essas senhoras não estavam lá, nem eu. - (FALA CADA VEZ COM MAIS NERVOSISMO) - Nunca estive no Hampshire. Não tenho lá tio nenhum.

FORREST - Vejo que fiz papel de imbecil.

LAIDER - Nem sequer tenho o direito de lhe pedir desculpa.

FORREST - Oh, não importa. No entanto preferia que não me tivesse contado essa história.

LAIDER - Também eu. A sua bondade é que me forçou a isso. Descrevendo-lhe um pêso imaginário da minha consciência, consegui afinal arranjar um verdadeiro.

FORREST - Lamento. Mas na realidade o senhor fez-me confidências, no ano passado, de sua livre vontade. Não compreendo a razão...

LAIDER - É natural. Nem eu mereço que me compreenda. Creio que deseja alguma explicação. Permite-me que lha dê?... Receio ter falado demasiado. Sim, o meu ponto fraco, como já lhe fiz notar, é a minha vontade. A influenza, como sabe desenvolve de maneira infalível os pontos fracos. A imaginação é que ela não me atacou. Seria a ultima coisa, pois possui uma imaginação robusta. Em ocasiões normais ela deixa-se governar pela vontade, mas quando a vontade já não pode assistir, então a outra domina-a. Fico como uma criança. Conto a mim mesmo fábulas incríveis e o que é mais doloroso é que não consigo ~~evitar~~ evitar de as contar aos amigos. É por isso que eu tenho conservar-me afastado, até que esteja curado de todo. Venho, em geral, para este hotel. Parece absurdo, mas confesso-lhe que tive pena de si quando, no ano passado, comecei a conversar.

FORREST - Pena de mim, o senhor? Na verdade era só o que me faltava ouvir. E eu que tencionava consolá-lo...

LAIDER - Pressenti que não tardaria nada em me deixar arrastar pela fantasia. Devia tê-lo prevenido, mas como sou tímido... O senhor Forrest, então, falou em quiromantes. Disse que acreditava neles. Achei estranho. Já uma vez li um livro de Desbarolles sobre esse assunto, mas devo declarar-lhe que me pareceu disparatado de fio a pavio.

FORREST - Então o senhor Laider não acredita na quiromância?

LAIDER - Não, mas senti-me incapaz de o confessar. O senhor principiou por dizer que tinha fé nessa arte e a seguir escarneceu-a. Enquanto o ouvia senti como que um relâmpago e inventei uma história completa...

FORREST - Improvisou, naquele próprio momento, tudo o que me contou?

LAIDER - Sim. Sou tão censurável como isso. Não quero dizer que todos os pormenores da história que lhe contei nessa noite fossem inventados no momento em que os contava. Escolhi-os ao acaso e depois fui-os acrescentando e retocando. Não julgue que sinto prazer em enganá-lo. É só a minha vontade, e não a consciência, que é afectada pela influenza. O que não posso resistir é à tentação de contar o que invento e de o fazer com uma certa habilidade. Mas nem por isso me sinto menos envergonhado.

FORREST - Da sua habilidade?

LAIDER - (TRISTE) - Sim, dessa também.

FORREST - É um severo crítico de si próprio, fique sabendo.

LAIDER - Outra bondade da sua parte. Se eu tivesse sabido que o senhor Forrest era essencialmente uma pessoa de sociedade, no bom sentido da expressão, eu não estaria com tanto medo de o tornar a ver e de lhe confessar tudo isto. Mas não quero abusar da sua paciência. Espero que nos tornemos a encontrar quando eu estiver completamente curado, e não me considerar, portanto, um companheiro indesejável. Até lá recuso-me a conviver consigo. - (RUÍDO DE GAIVOTAS)

FORREST - Não vejo porque há-de usar de tanto rigor....

LAIDER - O senhor não deseja, com certeza, andar a conversar a toda a hora com um homem que pode, em qualquer momento, burlá-lo com histórias inverossímeis. E eu, pelo meu lado, não quero aviltar-me a esse ponto, sobretudo perante alguém que se encontra de sobreaviso. Consideramos sem nenhum efeito as duas conversas que tivemos. Façamos de conta que não nos conhecemos.

FORREST - (DESAPONTADO) - Seja!...Vou saborear, de novo, os encantos do silêncio, as delicias da liberdade. Afinal não perdi tudo. Agradeço-lhe a sua resolução, senhor Laider. Mas considero egoísta esse seu ~~tem~~ voluntário afastamento. E se o senhor me falou verdade da primeira vez e pregou agora, uma tremenda mentira? Bom!...Vou voltar para o hotel. O tempo está a arrefecer. Não tarda aí a cair sobre o lugar uma cortina de nevoeiro...

LAIDER - (SOBRESSA TADO) - Nevoeiro?...Falou em nevoeiro?

FORREST - Sim, sr Laider. Não vê?...Parte do mar já está escondido e as

gaivotas andam assustadas em busca de abrigo. É um belo espetáculo!

LAIDER - (ASSUSTADO) - Belo? Acha-o belo?

FORREST - Claro que é.

LAIDER - Sim, talvez seja. Creio que é. Mas a verdade é que eu não gosto do nevoeiro.. Recorda-me qualquer coisa...uma coisa horrível...que me aconteceu uma vez....

FORREST - Sim, sr. Laider. Foi uma história horrível, na verdade.

SEPARADOR FINAL